

REDESCOBRINDO O BRASIL

REBECA KRITSCH
beckyk@ibm.net

URUGUAIANA – Diacuí Cunha Dutra, moradora da cidade gaúcha de Uruguiana, nasceu de um romance que emocionou o Brasil. Foi uma história de amor, paixão, desavenças públicas, pompa, alegria e morte. Ocupou os jornais, revistas e rádios, no início da década de 50. Marcou a sociedade da época e entrou para a história. Diacuí, uma mulher alegre e cheia de vida, é filha do primeiro casamento autorizado no País entre um brasileiro branco e uma indígena.

O pai de Diacuí Dutra, Ayres Câmara Cunha, nasceu em Uruguiana, uma das esquinas do Brasil, a 640 quilômetros de Porto Alegre. Cunha morreu em dezembro de 1997, aos 81 anos, na mesma cidade, de cabelos compridos e apaixonado pelos holofotes. Deixou um aglomerado de casinhas no estilo indígena, batizado de *Tebaída* (solidão, em egípcio), cerca de 2 mil livros e um pequeno monumento em homenagem à mãe de Diacuí, de quem a filha também herdou o nome.

Foi de Uruguiana que Cunha saiu, aos 20 anos, para "uma vida de aventuras", como ele mesmo descreve, no livro *Entre os Índios do Xingu*. Ávido por viajar e embrenhar-se nas matas do País, ingressou em 1942 na Fundação Brasil Central.

Trabalhando no Xingu, visitou a aldeia dos índios kalapalos e pela primeira vez, num esconderijo de varas e folhas de buriti, viu a índia que mudaria sua vida. Era 1946. Cunha descreve a cena em seu livro. De acordo com o sertanista, Diacuí cumpria um ritual de passagem para a puberdade. Tinha cerca de 13 anos, segundo os cálculos dele. Não podia ser vista por ninguém, por cerca de seis meses. Autorizado pelo cacique, ele violou o isolamento e pôde ver e tocar a índia.

Cunha não voltaria a vê-la até 1948, quando se encontraram nas margens do Rio Kulene. "...me aproximei da indiazinha, curioso e — que mal há em dizê-lo? — apaixonado pela linda menina", descreve Cunha. "Seus cabelos negros e compridos desciam-lhe até os ombros, numa graça infinita, encobridor do talhe delicado e primoroso de sua casta nudez."

Quatro anos se passaram até que Cunha consumasse esse amor. Afastado pelo trabalho, ele retornou ao Xingu em 1952. Encontrou Diacuí ainda solteira e pediu sua mão ao cacique da aldeia, Kumátê. A união foi autorizada com uma condição: o casal deveria permanecer no Xingu.

"E assim, pois, concretizou-se o romance racial do homem branco, da Idade Atômica, com uma selvagemzinha, da Idade da Pedra", conta Cunha, então com 37 anos, usando uma de suas imagens favoritas, em voga no Brasil dos anos 50.

Amor proibido — Na época, ele era funcionário do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e relacionamento com indígenas era expressamente proibido. A notícia do romance chegou aos escritórios do Rio de Janeiro.

"Eu já andava envolvido, sem saber, nas malhas de um inquérito, aberto pelo SPI, para apurar devidamente a veracidade dos fatos ocorridos no Alto Xingu." Para resolver o caso, Cunha viajou ao Rio, em setembro de 1952. Não encontrou simpatia nos gabinetes. Os etnólogos do SPI, entre eles Darcy Ribeiro, eram contrários ao casamento.

De acordo com Cunha, eles acreditavam que um branco — ao desposar uma índia — se tornaria "automaticamente o chefe ou, quando nada, o intermediário entre índios e outros brancos, ameaçando assim o livre arbítrio desses selvagens", além de poder fazer dos índios seus empregados. "Os argumentos do SPI não abatem meu ânimo", reagiu



Depois do casamento, Diacuí e Cunha retornaram ao Xingu; a kalapalo só andava vestida



Cunha conheceu Diacuí quando ela tinha 13 anos: "Me aproximei curioso e apaixonado"

No Xingu nasceu o romance mais famoso dos anos 50 entre um branco 'civilizado' e uma 'selvagem' índia

Apesar do preconceito, casamento foi apoteótico e 10 mil pessoas lotaram a Igreja da Candelária

Cunha. "Não me conformo com uma decisão que me parece absurda até contrária à moral", escreveu. "Porque no Brasil não existe, legalmente, a discriminação racial, antes esta é taxativamente proscrita." Como Cunha lembra, seu romance com Diacuí ganhou outra dimensão ao colocar em discussão a capacidade civil do índio para casar com "elementos civilizados".

Se enfrentou resistência nos gabinetes do SPI, fora deles Cunha encontrou aliados de peso. O mais importante era Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados e da revista *Cruzeiro*, que abraçou a causa e publicou cada vitória, cada revés, do folhetim de Cunha e Diacuí.

A civilização — A imprensa montou um circo em torno da história. O espetáculo começou com uma viagem de Cunha ao Xingu, acompanhado por jornalistas, para buscar Diacuí. Formou-se a "caravana dos Diários Associados". Com a índia, vieram o cacique e dois irmãos.

Na chegada ao Rio de Janeiro, uma multidão aguardava os "selvagens". Primeiro desembarcou Kumátê, seminu. Em seguida desceram os irmãos dela, enfeitados com folhas e carregando araras. Finalmente apareceu Diacuí, devidamente vestida, com um peruto na mão. "E o povão — delirou" — descreve Cunha, a essa altura já enamorado da publicidade que seu romance lhe trouxe.

Diacuí e seus companheiros viraram atração no Rio. Onde iam, paravam o trânsito. A índia

foi levada ao salão de beleza Helena Rubinstein, "onde foi submetida à maquiagem e aos primeiros retoques de elegância". Ganhou sapatos, vestidos, colar de pérolas. Recebeu atrizes, escritoras e madames de Copacabana. Visitou todos os políticos importantes. Só não foi recebida por Getúlio Vargas — o presidente estava doente. O vice, Café Filho, fez as honras da casa para a "filha das selvas". Até a revista *Time* registrou o caso, em sua edição latino-americana, em uma reportagem intitulada "Pocahontas no Rio".

Os irmãos de Diacuí, lindos, não passaram despercebidos. "Muita garota de Copacabana anda louca pelos fortes e jovens kalapalos", escreveu um jornal da época.

Os índios vieram ao mar, com um garfo e uma xícara. O preguiçoso de Cunha não conseguiu construir uma cabana de sapé para eles, mas a construção era fria e cheia de gotas e a comitiva do Xingu mudou-se para o hotel Regina, na praia do Flamengo. As pressas, o hotel teve de instalar redes nos quartos, porque eles não conseguiam dormir em camas.

Enquanto isso, debatia-se legalmente o casamento de Cunha e Diacuí. A discussão era apaixonada e a imprensa levou-a para dentro das casas, para as praias, para os cafés. "O desejo da noiva kalapalo e do homem branco passou a ser, então, uma verdadeira reivindicação nacional, pois o povo, em suas diferentes camadas, juntamente com as altas autoridades

civis e militares, é quem queria a realização das bodas, porquanto todos viam, objetivamente, na união dos noivos das selvas do Xingu mais que uma felicidade comum — um sinal de congraçamento das raças brasileiras e um processo para a integração gradativa dos silvícolas na comunidade nacional", interpretou Cunha.

O SPI manteve o veto à união dos dois até o fim, mas então ministro da Agricultura, João Clefas, a quem o órgão estava subordinado, autorizou. De acordo com uma das versões, que Cunha não conta no livro, Clefas deu a autorização em troca do apoio dos Diários Associados a sua candidatura ao governo de Pernambuco.

E assim se fez a primeira união legal entre um "branco" e um índio brasileiro.

Na Candelária — O casamento foi apoteótico. Cerca de 10 mil pessoas lotaram a Igreja da Candelária na tarde de 29 de novembro de 1952. Diacuí entrou de braço dado com Chateaubriand, assustada feito um passarinho na multidão. Entre a porta da igreja e o altar, arrancaram até partes de seu vestido.

"Os fatos que se verificaram na Candelária haviam de ser impressionado muito desagradavelmente os representantes da selva, que, certamente, esperavam encontrar mais ordem, mais respeito, mais disciplina num ambiente que passa por modelo de progresso e civilização", escreveu uma revista a propósito da cerimônia.

A oposição união dos dois, mesmo depois do casamento, não esmoreceu. "Crime Consumado", estampou o jornal *Radical*. Quem era contra acusava o sertanista de "explorador" e "herói de ribalta". "Esse homem civilizado que



Na 67.ª edição da série, a repórter Rebeca Kritsch e o repórter fotográfico Agliberto Lima foram até Uruguiana, a 640 quilômetros de Porto Alegre, para saber detalhes do romance da índia Diacuí e do sertanista Ayres Câmara Cunha, a primeira união autorizada de um branco e uma indígena da história do Brasil



O apoio de Chateaubriand foi decisivo; ele publicou cada passo do romance do casal



porta do seu palácio de sapé, fazer sempre." Diacuí não veio, aguardando esperanças as surras. Estava morta e enterrada. "Ele adorava ela", diz a filha ro". Mas a felicidade, que o *Cruzeiro* do casal, que com meses de vida zeiro insistia em repartir com o *Time* foi levada para a casa dos avós Brasil em 1 milhão de exemplares. Em Uruguiana. "Foi um amor res, não viera para ficar."

No oitavo mês de gravidez, Diacuí Dutra cresceu como Cunha teve de viajar a Aragarás, uma garota de cidade do interior e deixou Diacuí grávida, nascido, criada pela avó e por um tio, aldeia. Um parto prematuro em Arnóbio Cunha, de 73 anos, problemático trouxe a mãe esvaldando-se de e, ironicamente, detesta a selva a dormir na cama. Uma de suas brincadeiras prediletas, segundo Cunha, era esprender diante dos 30 e poucos colares que ganhara na visita ao Rio e desmarchá-los, reagrupando as contas em uma ordem diferente.

Na *tribo* — Em um reportagem sobre a vida do famoso casal, o *Cruzeiro* publicou uma foto dos dois na frente de casa. Diacuí aparece já grávida, sobre a legenda "Lar, doce lar: Ei-los felizes à

cheia de presentes", escreveu, andar sozinha. "Até mesmo trazia um belíssimo colar na mão, para colocar no

Na lembrança — Pelo pai, com

peçoço da indiazinha, no momento em que fosse receber-me à quem ouviu muitas histórias, porta do avião, como costumava. Diacuí tem respeito e admira-



Diacuí, a filha, acredita que só herdou da mãe o gosto pela água



Sertanista morreu em 1997

Tribo kalapalos conta a história com tristeza

Até hoje os kalapalos falam da história de Ayres e Diacuí. Mas com tristeza, segundo a coordenadora do projeto de formação de professores do Instituto Socioambiental, Maria Cristina Troncarelli, de 38 anos, que há 16 trabalha no Xingu. "Foi uma coisa muito ruim dos brancos."

Existem hoje no Xingu, segundo a professora, 339 kalapalos, espalhados em três aldeias. A cultura deles é muito viva, diz ela. A maioria ainda anda nu. A população voltou a crescer, depois de enfrentar uma epidemia de sarampo, na década de 50, após o contato com os não-índios.

Ayres Cunha descreve os efeitos da epidemia em seu livro. Ele retornou à aldeia de sua mulher em 1954 e voltou horrorizado com as mortes que osaram causar.

Depois disso, o sertanista visitou o local várias vezes, acompanhado de sua nova mulher, Ana Maria Lopes da Costa, hoje com 75 anos. Ela conta que, antes de conhecê-lo, colecionava os exemplares do *Cruzeiro* com a história de Diacuí. "Acompanhei tudo."

Quando Ayres voltou a Uruguiana, construiu uma casa próxima do sítio de Ana Maria. Acabaram se conhecendo e se casando. Em 1967, ela foi ao Xingu pela primeira vez. "Ficamos na tribo fomos muito bem recebidos", lembra. "Eles adoravam o Ayres." Ana Maria lembra que os pais de Diacuí sempre pediam que eles trouxessem a filha do casal.

Ana Maria e Diacuí Dutra ainda são muito próximas. A madrastra que conheceu os kalapalos vê na enteada traços da cultura indígena que a moça não percebe. Na maneira de relacionar-se, por exemplo. Ana Maria conta que entre os kalapalos não existe beijo. "Diacuí também não tem essa mania", diz Ana Maria. (R.K.)

Irmão apelou ao Vaticano para casar com freira

O romance de Ayres e Diacuí não foi o único amor proibido da família Cunha. O irmão dele, Arnóbio Cunha, que ajudou a criar a filha de Ayres, apaixonou-se por uma freira do internato onde a menina estudava.

"Precisei de autorização do Vaticano para casar", conta Arnóbio, de 73 anos, há 22 marido de Terezinha Kunrath Cunha, de 63.

Quando os dois se conheceram, Terezinha não usava maquiagem. "Ele olhou pra mim e disse: 'Com essa moça eu vou ca-

sar", lembra ela. "Fiquei apavorada."

Antes de casar com Arnóbio, Terezinha passou oito anos em Santos. Quando ela finalmente se decidiu e a autorização do Vaticano veio, ele não perdeu tempo. Ficaram noivos e três dias depois estavam no altar. O casal vive em Uruguiana e tem duas filhas, Ana Karen, de 21 anos, e Maria Lúcia, de 17. "Esses irmãos são meio complicados", brinca Terezinha. "Um foi atrás de uma índia e o outro foi atrás de uma freira." (R.K.)

"A história do pai é a mais original que existiu no Brasil", diz Diacuí, que adora ler romances. "O resto é imitação."

■ Toda a série está disponível na NetEstado (www.estado.com.br)

